

## UMA PRESENÇA MARCANTE NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NO BRASIL: HOMENAGEM A REGINA RITTER LAMPRECHT

Maria Francisca Lier-DeVitto - CNPq  
PUCSP: LAEL e Derdic<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta e discute a essência do trabalho pioneiro, introduzido e desenvolvido no Brasil por Regina Ritter Lamprecht, no Centro de Estudos sobre Aprendizagem e Aquisição da Linguagem (CEAAL), na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Neste texto, a reflexão encaminhada e os comentários tecidos focalizaram os fundamentos que nortearam sua pesquisa e motivaram mudanças internas na proposta teórica adotada. Este foi o formato escolhido para homenagear uma pesquisadora. Regina Lamprecht interessou-se por falas de crianças, mais particularmente, pela Aquisição Fonológica – seja aquela que atinge a estruturação esperada do sistema fonológico, seja aquela outra marcada por tropeços e paralizações. A pesquisa de Regina Lamprecht desenvolve-se, sem embaraços, nas esferas do normal e patológico (como se diz) e, contribui, por isso, de forma importante, para a discussão fonoaudiológica. Este artigo destaca, ainda, traços notáveis de sua personalidade: Regina Lamprecht foi personagem das mais atuantes nos círculos universitários. Estabeleceu ampla rede de relações acadêmicas, instituiu o ENAL, Encontros sobre Aquisição da Linguagem, e dedicou-se à formação de pesquisadores. Regina Ritter Lamprecht foi presença marcante na Aquisição da Linguagem no Brasil - mérito conferido a ela por seu trabalho como fonologista e por todas as ações acadêmicas que realizou.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição da linguagem. Desenvolvimento fonológico. Estrutura e desenvolvimento.

### ABSTRACT

This paper presents and debates the essence of the pionner work introduced and developed by Regina Ritter Lamprecht in Brazil, at the Centro de Estudos sobre Aprendizagem e Aquisição da Linguagem (CEAAL) at Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC). The reflection and commentaries made in this text focus on the groundwork that guided her research and motivated theoretical changes. This was the form chosen to pay homage to a researcher. Regina Lamprecht interests herself in children speech, especially in phonological acquisition – either the one that attains the expected structure of the phonological system or the one marked by obstacles and interruptions. Regina Lamprecht’s research develops without encumbrance within the scope of both normality and pathology and contributes, therefore, in an important way to the speech therapy discussion. This paper still highlights remarkable traits of her personality: Regina Lamprecht was a very active personage in academic circles. She has established an extensive networking at the Academy; she has given origin to ENAL – Encontro sobre Aquisição da Linguagem and has dedicated herself to forming researchers. Regina Ritter Lamprecht was a considerable presence in the Language Acquisition field in Brazil –merit awarded for her labour as a phonologist and for all the academic actions she has realised.

**KEYWORDS:** Language acquisition. Phonological development. Structure and development.

### Introdução

Esta não é a primeira homenagem a Regina Ritter Lamprecht. Ela foi precedida por outras homenagens – fato que, em si, reflete a importância de sua presença na esfera da Linguística brasileira - mais particularmente, da Aquisição da Linguagem no Brasil. Em 2007, a pesquisadora foi homenageada, pela UFSM, com a publicação do livro “Estudos em Aquisição Fonológica”. Em 2011, no VII Encontro Nacional e II Internacional sobre Aquisição da Linguagem, prestou-se homenagem a ela por sua liderança e pelo impacto de

---

<sup>1</sup> Professora Titular do Departamento de Linguística, líder do Grupo de pesquisa-CNPq: *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*; pesquisadora CNPq. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em *Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL)* e da *Divisão de Educação e de Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (DERDIC)* – PUCSP.

seu trabalho na área. Liderança e trabalho são dois vértices que, sem dúvida, podem resumir, com precisão, de forma justa, os efeitos de suas ações acadêmicas e de sua produção.

De minha parte, aceitei “de pronto” o convite feito por Ester Scarpa e Marianne Cavalcante para realizar a conferência de encerramento deste evento em homenagem a Regina Lamprecht. Minha resposta positiva não me inquietou em momento algum. Isso porque tenho o que dizer sobre Regina Lamprecht - sobre sua presença marcante na Aquisição da Linguagem no Brasil. Também, me confere posição o fato de termos sido interrogadas por falas de crianças – daquelas que parecem trilhar, sem muitos tropeços, o caminho na direção da língua instituída e de outras que estancam e, por vezes, sucumbem ao longo dessa trajetória (LIER-DeVITTO, 1999; LEMOS, 2002). Sinto-me bem respaldada, ainda, por algumas experiências acadêmicas com ela – experiências que decorreram precisamente de sua liderança. Refiro-me, aqui, ao ENAL, aos Encontros sobre Aquisição da Linguagem e às tão aguardadas publicações na revista Letras de Hoje.

É preciso dizer que eu nunca trabalhei na área da Fonologia – *locus* privilegiado da atuação de Regina – e que nem privei de sua intimidade. Essas duas condições me pareceram bastante vantajosas para a elaboração de uma fala de homenagem. De fato, o que direi não se apoia, de forma alguma, em compromissos com a mesma vertente teórica e nem decorre de emoções pessoais exacerbadas que, com frequência afloram da esfera da intimidade. Assim, se é fato que todo texto em homenagem tem a característica de ser laudatório, o que espero é que tal característica seja atingida por outras vias. Pretendo que minha apresentação possa iluminar seus movimentos universitários eficientes e os efeitos de sua produção e docência. Enfim, acredito que a posição desde onde redijo esta homenagem é privilegiada: ela me confere o benefício da imparcialidade; uma visada com certa objetividade – certamente, a objetividade possível.

Adianto que minha meta não é discorrer de forma detalhada sobre o trabalho de Regina – ela mesma ou outros pesquisadores mais especializados no campo em que ela opera, teriam condições mais adequadas para retrair este percurso. Não miro, igualmente, precisão obsessiva de datas e realizações. Quero, nesta homenagem, não deixar escapar as marcas de uma trajetória notável de ensino, de pesquisa, de transmissão.

## **2. Uma figura marcante**

A história acadêmica oficial de Regina é bem conhecida: aconteceu em Porto Alegre. Na UFRGS, fez graduação em Letras e, na PUCRS, mestrado e doutorado. A PUCRS foi a casa em que exerceu atividade docente e formou dezenas de pesquisadores; um saldo

impressionante de 49 mestrados e 19 doutorados. Ali, coordenou, por vários anos, o CEAAL. Sua atuação no Centro de Estudos sobre Aprendizagem e Aquisição da Linguagem foi intensa. Ali, Regina *fez linhagem e criou tradição*. Como coordenadora do CEAAL, organizou e comandou o ENAL - Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem, que promoveu intercâmbio e debates sobre os principais direcionamentos dos estudos em aquisição da linguagem realizados no Brasil. Os movimentos de Regina não ficaram restritos, contudo, àquela Universidade e nem ao Rio Grande do Sul. Um bom exemplo disso é que ela foi, por um bom tempo, coordenadora do GT de Psicolinguística da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística). Haveria muito mais a enumerar, mas informações curriculares deste tipo são acessíveis estão disponibilizadas na plataforma lattes. Regina Lamprecht tem sido uma personagem das mais atuantes nos círculos universitários. A ampla rede de relações pode estabelecer ao longo de sua vida acadêmica deriva, sobretudo, de sua dedicação à pesquisa e à formação de pesquisadores na PUCRS, como disse. Toco, assim, o fundo comum que atraiu os olhares de alunos e colegas: a prática sincera e sistemática da Fonologia, em especial aquela voltada para a organização do sistema fonológico - seja de sistemas regulares, seja de sistemas “desviantes”. Daí decorre uma trajetória destacada no campo da Aquisição da Linguagem. Importa dizer que Regina Lamprecht foi pioneira nesta esfera de estudos e que é referência incontestável no país.

Conheci Regina mais de perto num ENAL. Fui apresentada a ela por Cláudia Lemos, quem, na ocasião, coordenava mesa redonda de que participei. A organização era impressionante. Pouco se via Regina, embora sempre cruzássemos com ela, que circulava - por certo cuidando, discreta e eficiente, do andamento daquela máquina pesada. A tônica especial desses Encontros sobre Aquisição era serem eles democráticos, no sentido pleno do termo.

O ENAL congregava, sem preconceito, pesquisadores de diferentes tendências. Nele, nós nos instruíamos, ficávamos informados a respeito das pesquisas desenvolvidas no Brasil e nos divertíamos com os colegas depois do trabalho. Sempre esperávamos pelo lançamento do próximo ENAL! Foi grande a frustração quando ele deixou de ser lançado na PUCRS, em Porto Alegre – perdemos, mas Regina talvez menos: ela imprimiu sua marca na promoção desses Encontros memoráveis. ENAL e Regina são termos interligados na lembrança de quem teve o privilégio de estar naqueles “congressos do Sul”.

Meu encontro com o trabalho de Regina, contudo, aconteceu mais tarde e chegou por outro caminho: ele chegou pelas mãos de duas amigas, antes orientandas: Sinara Hütner e Rosana Benine, vindas de Santa Catarina e do Paraná. Na leitura de textos de Regina, dei-me

conta de que andávamos pelos mesmos ambientes disciplinares – a Linguística; a Aquisição e a Fonoaudiologia com suas demandas. Deparei-me com o fato de que as questões advindas da esfera da Clínica não eram ignoradas. Foi na leitura de textos de Regina Lamprecht que pude notar essas convergências entre nossos trabalhos – de fato, levamos algumas perguntas bastante similares sobre pontos essenciais relacionados às patologias da linguagem - ainda que a direção investigativa e argumentativa não tenham sido, em nossos trabalhos, convergentes em momento algum – e, por que, pergunto, haveria de ser?

### 3. Uma pesquisadora comprometida

Milner (1978) aproxima Saussure e Chomsky quanto àquilo que ele designa como *ideal de ciência*, ou seja, quanto ao ideal de que Linguística seja uma “ciência moderna”, no sentido da ciência galileana<sup>2</sup>. A ciência inaugurada no século XVII introduz um novo raciocínio científico, que substitui o pensamento aristotélico pelo platônico. O raciocínio indutivo é suplantado pelo dedutivo. Fenômenos observáveis deixam de ser “lugar da descoberta” de leis e passam a “lugar de verificação” de hipóteses – passam a ser “exemplos” de proposições empíricas e teóricas. Na ciência moderna (ou seja, galileana, cartesiana) temos o primado da teoria. Se Saussure e Chomsky são aproximados quanto ao *ideal de ciência*, eles se distanciam, contudo, no modo de realização desse ideal. Distinguem-se no que diz respeito à *ciência ideal* – ao modo de escrever essa ciência, ao modo de representá-la.

Pretendi, com estes comentários, dizer a partilha de ideais científicos pode conduzir à busca de sustentação rigorosa de compromissos teóricos. Daí é que se parte, por exemplo, para o trânsito entre processos ditos “normais” ou “desviantes”, ainda que a busca de explicação possa tomar direções divergentes. Bem, as convergências de campo e de ideal, situam o lugar desde onde abordo os movimentos de Regina e desde onde me autorizo a comentá-los. Dedico a ela o exercício reflexivo que pude realizar sobre seu texto, de onde retiro quatro pontos que, a meu ver, qualificam e distinguem o trabalho de Regina. São eles, também, que esclarecem seu impacto no Sul do país e em muitas universidades brasileiras.

Destaco dele:

- (1) **A resistência à naturalização da linguagem**, ou seja, a resistência à redução da fala/linguagem à articulação/audição (às esferas da “boca-orelha”, como disse Benine,

---

<sup>2</sup> Ver, a esse respeito, Koyré, A. (1973), Chomsky (2000).

R. (2001)). Naturalização própria ao discurso organicista e psicológico, a que, por tradição, tem aderido a Fonoaudiologia ( ligada que é à área da Saúde).

Destaco:

(2) **A sustentação de um caminho teórico para o tratamento de falas de crianças** - para responder à organização do sistema fonológico e para enfrentar os desafios colocados por falas sintomáticas.

Destaco:

(3) **A suspensão da tendência à patologização de “erros” ou tropeços** de crianças no processo de aquisição da linguagem,

Destaco, finalmente:

(4) **O compromisso com o raciocínio linguístico.**

Parto de palavras da pesquisadora para, de forma articulada, comentar esses pontos. Em 1999, Regina escreve uma retrospectiva dos trabalhos sobre desvios fonológicos evolutivos (DFE). Mesmo sendo um artigo de mais de 10 anos, ele não é datado porque contém riquezas: interpretações dos pressupostos e de conceitos que norteiam a rota da investigação eleita pelo grupo de pesquisadores ligados a Regina. Lê-se em “Desvios fonológicos: evolução nas pesquisas, conhecimento atual e implicações dos estudos em Fonologia Clínica”, o seguinte:

Tradicionalmente, o falar “errado” de uma criança acima dos quatro anos de idade *era visto (...) como manifestação de um problema articulatório, anatômico, funcional*. No entanto, ao lado de distúrbios efetivamente causados por disfunções de etiologia conhecida e claramente determinável (...) eram classificadas sob o rótulo de *distúrbio articulatório também as produções “erradas” sem causa conhecida, sem etiologia aparente* (LAMPRECHT, 1999, 65) (ênfases minhas).

Esta indistinção entre manifestações sintomáticas começa a mudar, diz a pesquisadora, quando impõe-se a necessidade de distinguir essas “produções erradas” **sem** etiologia determinada daquelas **com** etiologia orgânica” ou “retardo mental”. Essa diferença é realizada com o acréscimo de um termo na expressão já conhecida. Passa-se a falar em *distúrbio articulatório funcional*, em oposição à *distúrbio articulatório*.

Uma pontuação, feita logo a seguir, tem sutileza e o poder de chamar a atenção. Ela contém certa indignação que é apreensível quando a pesquisadora diz que a expressão “distúrbio

articulatório funcional” era “empregada *mesmo* pelos estudiosos de orientação linguística” (LAMPRECHT, 1999, p. 65) (ênfase minha). Adianto que este enunciado é mote e base para o recorte que fiz na elaboração deste texto em a homenagem a Regina Lamprecht. Ponho ênfase neste “mesmo” do apontamento da pesquisadora: “*mesmo* - o que há de importante nele?”. Entendo que esse “*mesmo*” condensa um estranhamento – uma crítica aos “estudiosos de orientação linguística” - e a posição que dá norte para a direção perseguida por Regina. Que posição é essa? Aquela delineada por um discurso linguístico genuíno.

Érik Porge tem, a respeito da questão da fidelidade a um discurso, palavra importante. Ele diz que: “As restrições de um discurso nada mais são que o vocabulário que lhe é próprio” (PORGE, 2008, p. 27). Não pode haver, portanto, condescendência com as palavras já que elas dão consistência ou degeneram discursos científicos. Assim, se o termo “funcional” divide águas, separa quadros *com* lesões (motoras/neurológicas) de quadros *sem* lesões, ele *não abala o discurso organicista*. Compreende-se que Regina tenha estranhado que “um estudioso de orientação linguística” possa sentir-se “em casa”, possa satisfazer-se com o acréscimo do o termo “funcional” a “distúrbio articulatório”. Se há compromisso com um raciocínio linguístico, quando um “estudioso de orientação linguística” utiliza um vocabulário estranho ao discurso linguístico para designar problemas de pronúncia (problemas de linguagem), *ele fragiliza o esse discurso e recua em seu compromisso com a Linguística*.

A questão é, então, dizer: “o que seria uma orientação linguística?”. Essa pergunta nos levará aos passos do delineamento da posição de Regina, como linguista. Vejamos. Nos anos de 1980, diz a pesquisadora, outra designação para os problemas de pronúncia é introduzida: *desvios fonológicos evolutivos*. Regina afirma que, neste momento:

- [houve] uma modificação radical na perspectiva sob a qual é visto o fenômeno, porque [a designação “desvio fonológico evolutivo”] encerra a noção de que:
  - (a) estamos diante de um *desvio*, e não de um *distúrbio*.
  - (b) esse *desvio* é *fonológico*, isto é, de um dos componentes fundamentais da linguagem,
  - (c) esse desvio ocorre no *desenvolvimento linguístico da criança*, e não no desenvolvimento motor, físico ou mental. (LAMPRECHT, 1999, p. 65-6) (ênfases minhas).

A presença de um *discurso linguístico* se anuncia na designação “desvios fonológicos evolutivos”, ela introduz uma sintaxe que coloca em relação **um** *vocabulário linguístico*. Rigorosamente, a “modificação radical de perspectiva” está na substituição de “articulatório” por “fonológico”. As outras duas palavras: “desvio” e “evolutivo” estão, na verdade, comprometidas com o discurso da Psicologia, como procurarei indicar. O olhar de Regia está voltado para “fonológico” – é dele que ela deriva todas as outras três consequências, de que se

pode retirar o argumento da despatologização do erro e do compromisso com o linguístico. Ou seja, a entrada do vocabulário “fonológico”, afastou a palavra “distúrbio” e a ideia de problema no “desenvolvimento motor, físico ou mental”.

A força dessa substituição (fonológico no lugar de articulatório) importa porque é ela que desautoriza considerações ingênuas sobre linguagem: “fonológico” não se compatibiliza com afirmações organicistas ou psicológicas sobre a esfera da articulação<sup>3</sup>. Em resumo, temos que *problemas de pronúncia são efeitos de organizações fonológicas inesperadas que, como outras mais bem sucedidas, ocorrem no desenvolvimento linguístico*. Não é outra coisa que se pode retirar de cada linha da citação apresentada acima.

O compromisso de Regina é com a sustentação de uma “orientação linguística”, ou seja, como linguista, ela só consente numa explicação *linguística sobre problemas de pronúncia e sobre sua aquisição*. A meta é a explicação - uma exigência que, desde Saussure, é crucial<sup>4</sup>: se há algo que a Linguística, afetada pelo gesto de Saussure, ensina é que o “dado” nada tem de evidente ou transparente: é a lupa da teoria – sua lente (expressão de Regina) e dos instrumentos que dela derivam - que constrói seus “dados”, i.e., dados são construídos (LIER-DeVITTO & ARANTES, 2011). Qualquer aproximação à fala/discurso é tributária de um “ponto de vista”, enuncia Saussure (1916, p. 15)<sup>5</sup>. Quando se ignora esta máxima, fica-se inexoravelmente “do lado de fora”, à margem de uma “orientação linguística”. Resumidamente, desde Saussure, um linguista deve, para sustentar o título de “linguista”, assumir compromisso teórico com linguagem. Essa é a ética do linguista – a primeira, a fundamental.

A Linguística científica também ensina que a “descrição da linguagem”, além de ser consequência da teoria, envolve inexoravelmente a queda da ambição pela totalidade. Tudo não se vê, nem se diz sobre a linguagem. A Fonologia foi e é o “objeto”<sup>6</sup> que recorta os dados, no caso do projeto de pesquisa de Regina Lamprecht. Desse “ponto-de-vista” ela elegeu seus “dados” e suas “metas”. Em suas palavras, desse posto teórico, ela pode sustentar “a nova

---

<sup>3</sup>“orientação linguística” deve assumir, de forma positiva e propositiva, que até em casos de comprometimento orgânico ou mental, “a etiologia nem resolve e nem esgota a questão sobre a linguagem” (FONSECA, 2002), (ARANTES, 2001).

<sup>4</sup> O Programa científico de Saussure tem como solo a orientação de que a tarefa do linguista é: “procurar as forças que estão em jogo, de modo *permanente e universal*, em todas as línguas e *deduzir leis gerais as quais se possam referir [todos]os fenômenos ...*” (1916/1969, p. 13)

<sup>5</sup> Lembro, a este respeito, o famoso enunciado de Saussure (muito citado, mas nem sempre valorizado) de que “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma das maneiras de considerar o fato seja anterior ou superior às outras” (CLG, P. 15).

<sup>6</sup> objeto; aliás, nada nos diz de antemão que uma das maneiras de considerar o fato seja anterior ou superior às outras” (CLG, P. 15).

perspectiva *sob a qual é visto o fenômeno*” (LAMPRECHT, 1999, p.65): visto como problema linguístico. Procuo indicar, com esses comentários, que nas linhas e nas entrelinhas, Regina não se desviou da ética do linguista. Os resultados obtidos no âmbito da pesquisa, da docência e da formação de pesquisadores vieram daí, assim como os efeitos transferidos para o estudo dos *desvios fonológicos evolutivos* e da prática clínica. Digamos que o trabalho de Regina teve efeito de transmissão: de transmissão de uma posição e de um *raciocínio linguístico*, de uma “*orientação teórica*” para pesquisadores da aquisição da linguagem e dos problemas de pronúncia. Eu pergunto: o que mais um linguista poderia ensinar, senão a ética do linguista?

Não se poderia, mesmo, explicar o impacto do trabalho iniciado e desenvolvido na PUCRS, sob a batuta de Regina, a não ser pelo efeito de transmissão, ou melhor, da transmissão de um desejo – o do linguista. Esse movimento atinge a clínica fonoaudiológica, que se altera, já que “uma escuta” outra se instala no corpo clínico (CARVALHO, 1995, 2006 e outros). Trata-se, mesmo, da impressão da teoria no corpo do clínico - é a teoria que comanda seu corpo: o que ele escuta na fala de uma criança. Aquilo que escuta ou vê é restringido pelo discurso (pelo vocabulário) incorporado. O trabalho de Regina transmite a certeza teórica de que toda manifestação tem uma “subjacência, um sistema consistente, um *sistema fonológico*” (LAMPRECHT, 1999, p. 66), no caso do programa de estudos conduzido por Regina. A teoria fonológica ganhou um corpo desejante que pode manter vivo o programa de investigação sobre a aquisição do sistema fonológico e orientar os estudos sobre os tropeços da criança na pronúncia de sua língua.

Note-se que eu disse “aquisição” (*à la* Chomsky) e não “desenvolvimento” (*à la* Piaget ou Vygotsky) – um *lapsos* que incide sobre o texto de Regina e faz uma espécie de forçagem que, afinal, é autorizada pelo próprio texto, como procurarei mostrar. Eu disse acima, que as palavras “desvio” e “evolutivo” faziam ruído no discurso da Linguística – e palavras não são neutras. Pois bem, sob a ótica de uma orientação fonológica, houve “mudança clara de pensamento” sobre os problemas de pronúncia (LAMPRECHT, 1999, p. 71); mudança que se reflete não apenas no afastamento da visada ingênua implicada na designação “distúrbios articulatorios funcionais”, mas, também, nas sérias discussões em torno da palavra “desvio”.

Algo da ordem de um saber que não se acomoda aparece aí. Esse incômodo não se acomoda porque se, de um lado, a incidência de um raciocínio linguístico despatologiza os problemas de pronúncia; de outro lado, a palavra “desvio” não elimina completamente esse valor: “desvio” guarda um tanto dele; ainda que o termo seja pressionado ao ponto de

aproximar-se de “ocorrência não esperada”<sup>7</sup> (LAMPRECHT, 1999, p. 70) e, com isso, dissolver ou perder o significado de “patológico”. Minha contribuição, talvez, seja lembrar que “desvio” faz sintaxe com “evolutivo”, mas não faz com “fonológico” – este último se articula com “sistema”<sup>8</sup>, com “organização”, com “estrutura”. “Desvio” é assumido como lugar de conflito no trabalho do grupo do Rio Grande do Sul. Disso resulta a tendência de interpretá-lo como “atraso” no desenvolvimento. Mas, pergunto, por que não há conflito com a palavra “desenvolvimento”? É o imaginário que se tem sobre a criança que se impõe aqui.

Pesquisas realizadas no CEAAL apontam, de fato, para uma direção contrária à ideia de desenvolvimento quando se assevera que: “na aquisição com desvios *não costumam acontecer fatos que não possam ser encontrados, em geral, no processo normal de aquisição, provavelmente em suas etapas iniciais*” (LAMPRECHT, 1999, p. 71) e esse achado empírico “altera a natureza dos DFE” (idem, ibidem). Que alteração é essa? Aquela que nos leva à supremacia da estrutura – gerativa ou não. É precisamente o que se reflete no movimento dos estudos sobre aquisição do sistema fonológico, quando se encaminham na direção de Chomsky e da necessária assunção de um “conhecimento prévio” como condição para a aquisição da linguagem:

A criança com DFE *tem conhecimento linguístico, ela tem competência* – no sentido chomskyano – *para adquirir um sistema fonológico [...] Uma coisa é clara: não falta capacidade a essa criança, em termos linguísticos e fonológicos* (LAMPRECHT, 1999, 75) (ênfase da autora).

O encontro com a vertente chomskyana leva a pesquisadora a dizer o seguinte:

*Não devemos dizer que a fala da criança com desvios represente um simples atraso em relação à aquisição normal.*

.....

[...] a fala com desvios tem características próprias. *Não há somente o fator cronológico; há, também, coocorrências de características, superposições de etapas, e, sobretudo, regras fonológicas inadequadas ao sistema-alvo.*

[...] existe na fala das crianças com DFE uma *hierarquia de restrições* inadequada ao sistema fonológico-alvo. (LAMPRECHT, 1998, 1999; LAMPRECHT & HERNANDORENA, XXX) (ênfases minhas).

Regina Lamprecht joga luz sobre o percurso do programa de pesquisa e valoriza, acima de tudo, a noção de sistema, de estrutura e, sendo este o caso, torna-se difícil manter ali as palavras “desvio” ou “atraso”. O vocabulário que convém à noção de sistema e de estrutura nos leva na direção de “organizações particulares” de traços ou de segmentos –

<sup>7</sup> Ver Lamprecht (1999, p.70).

<sup>8</sup> Ressoam, aqui, também, palavras de Saussure: “A única realidade que interessa ao linguista é [o] sistema” (CLG, 1916/69, p.44).

“organizações”, essas regidas pelas mesmas leis e restrições que operam na constituição de qualquer sistema - ainda que o resultado dessas operações possa surpreender, possa “fascinar” (como diz a pesquisadora). De fato, como podemos ler nas citações acima, a noção de “sistema” se dilata e relativiza o aspecto “cronológico” ao ponto de afastar até a suposição de “atraso” ou de “desvio”. É a sincrônica da estrutura que pressiona porque trazem à tona as possíveis organizações e reorganizações de elementos, autorizadas pelas leis estruturais.

Não é outra coisa que poderemos retirar da cadeia que se estabelece: “*Não há somente o fator cronológico; há, também, coocorrências de características, superposições de etapas, hierarquia de restrições*”. Esses enunciados não se compatibilizam com a palavra “evolutivo”. Dizer que “*há co-ocorrências de características; superposições de etapas e hierarquia de restrições*” faz jus à aproximação a Chomsky – ali, na mobilidade simbólica, reina o tempo lógico, não o cronológico. A “cronologia” é um drama da Aquisição – quem sabe “o drama” da Aquisição da Linguagem caso concordemos com o que afirmou e discutiu Cláudia de Lemos (1982). Segundo a autora, o dilema da área de Aquisição da Linguagem – o seu “pecado original” - é ter, desde sempre, convivido com o paradoxo de implementar instrumentais sincrônicos (estruturais) para descrever o que se recolhe da Psicologia como um “desenvolvimento gradual e sucessivo”... da linguagem. Dito de outro modo, o problema/pecado estaria em que a área não pode superar o *discurso psicogenético sobre a mudança*; retendo, por isso, o “pecado” de ficar entre discursos.

Diretamente: a área tem tido dificuldade de *sustentar a radicalidade de uma orientação linguística*, que a obrigaria a oferecer *uma noção estrutural mudança*, que poderia conduzir à superação do paradoxo entre sincronia e diacronia. O drama tem na subjacência o fato de que, para a Linguística, não há *criança e nem desenvolvimento* – para ela importa/m, unicamente, sistema/s linguístico/s. Já, na Psicologia do Desenvolvimento, há hipóteses sobre a criança e sobre a evolução do conhecimento – entretanto, nada ali se poderia desenvolver sobre o sistema linguístico. Eu pressinto que, a diluição desse problema está em andamento no Programa de Pesquisa coordenado por Regina Lamprecht, precisamente porque no texto de 1999, há conflito, hesitação em torno de palavras como “desvio” e “atraso”. Fica-se, por isso, bem perto da superação do “pecado original”, nos termos de Lemos e bem distante dos embaraços que a aproximação ao campo Psicologia e da Patologia colocam para a sustentação de um discurso linguístico.

Recrudescer-se, neste passo em direção a Chomsky, o compromisso com a “orientação linguística”, principalmente quando a ideia de “subjacência” é articulada a “competência nos termos chomskyanos” (LAMPRECHT, 1998, LAMPRECHT E HERNADORENA, 1998).

Sim, porque a noção de competência é avessa à de desenvolvimento e à criança da Psicologia. Chomsky afirma o seguinte:

Language learning is not really something that the child does; it is *something that happens to the child* [...] (CHOMSKY, 1988, p. 134) (ênfase minha)<sup>9</sup>.

A “criança chomskyana” está bem definida: ela não é mais do que um cérebro/mente que é sede do saber linguístico (MILNER, 1978) - ela *não* “toma posse” do conhecimento sobre a linguagem, ele já está lá como propriedade da espécie e é ele que realiza a tarefa da aquisição: como afirma Chomsky, a aquisição “*acontece nela*”. Mais surpreendente, ainda, é que ele diga que a aquisição seja instantânea, mas leve tempo - tempo de atualização das estruturas; da fixação de parâmetros; tempo do “agenciamento de elementos, segundo configurações relacionais que variam...” (PORGE, 2008, p. 28). Neste sentido, não há “desvio” nem “déficit”, apenas organizações e reorganizações possíveis - certamente restringidas pelas operações hierárquicas, posicionais. Recolhemos esta tendência no texto de Regina Lamprecht - afinal é ela quem diz que, do ponto de vista da Fonologia, “um sistema com desvios é um ‘tão bom quanto’ o dos adultos, da comunidade em que a criança vive” (LAMPRECHT, 1999, p. 66).

Bem, se uma pessoa pode ser vista como a soma daquilo que realizou, podemos dizer que Regina Lamprecht tem crédito alto - fez trilha; criou tradição; houve transmissão. Sintome, portanto, honrada por prestar mais esta homenagem a ela. Espero ter sustentado o título que dei a este texto: Regina foi uma presença marcante na Aquisição da Linguagem no Brasil - mérito conferido a ela por seu trabalho como fonologista e por todas as outras ações acadêmicas que realizou.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, L. *Diagnóstico e clínica de linguagem*. Tese de doutorado (Inédita). LAEL-PUCSP. 2001.

BENINE, R. *‘omideio’ - o que é isto? – questões e reflexões sobre dislalias, distúrbios articulatorios funcionais e desvios fonológicos*. Tese de doutorado (inédita). LAEL-PUCSP. 2001.

CARVALHO, G.M.M. *Erro de pessoa: levantamento de questões sobre o equívoco em aquisição da linguagem*. Tese de doutoramento (inédita). Campinas, IEL. 1995.

---

<sup>9</sup> “A aprendizagem da linguagem não decorre, de fato, de algo que a criança faça; é *algo que acontece nela*”. Ou seja, não se trata de “aprendizagem” conforme entendida na Psicologia: nem a criança é ativa, nem há conhecimento que venha “de fora para dentro”, que seja internalizado – o saber inato inespecífico se especifica numa gramática particular – nesse sentido é *atualizado* quando ativado pelos “dados brutos” da experiência. O saber inato (e não a criança) analisa, segmenta, realiza operações sobre o material externo.

- \_\_\_\_\_. Erro em Aquisição da Linguagem: um impasse. In M.F. Lier-DeVitto & L. Arantes, *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: EDUC-FAPESP, 2006.
- CHOMSKY, N. *Language and problems of knowledge – the Managua Lectures*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1988.
- \_\_\_\_\_. New horizons in the study of language and mind. Cambridge, Mass: Cambridge University Press. *Estudos em Aquisição Fonológica*. 2007. Livro organizado em homenagem a Regina Ritter Lamprecht, a partir do Seminário de Aquisição Fonológica, 2007, Santa Maria, RS.
- KOYRÉ, A. *Estudos de história do pensamento científico*. São Paulo, Brasil: Forense Universitária, 1991. [1973].
- FONSECA, S. Clínica de Linguagem com Afásicos. Tese de doutorado (inédita). LAEL-PUCSP, 2002.
- HÜTNER, S. *Desvios fonológicos: da articulação à fonologia*. Dissertação de mestrado (inédita), LAEL-PUCSP, 1999.
- LAMPRECHT, R. R. “Desvios fonológicos: evolução nas pesquisas, conhecimento atual e implicações dos estudos em Fonologia Clínica”. In R.R. Lamprecht (org.) *Aquisição da Linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPURS, 1999, 65-80.
- LAMPRECHT, R. & HERNANDORENA, C. L. M. A hierarquia de restrições na aquisição de padrões silábicos do Português. Florianópolis, SC: *Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN*. Florianópolis: UFSC, 2000.
- LE MOS, C. T. G. Aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. Em Jürgen Meisel (ed.) *Adquisición de lenguaje: aquisição da linguagem*. Frankfurt: Vervuert, 1982-86, 11-20.
- \_\_\_\_\_. Los Procesos Metafóricos y Metonímicos como Mecanismos de Cambio. Em *Substratum: temas fundamentales en psicología y education*, 1, nº 1. Barcelona: Meldar Editores, 1992, 121-136.
- \_\_\_\_\_. Sobre as vicissitudes da fala da criança e de sua interpretação. In *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 42. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.
- LIER-DEVITTO, M. F. Theory as ideology in the approach to linguistic facts. In Jef Verschueren (org.) *Language and Ideology*. Antuérpia: IPrA & Authors, 1999, 344-351.
- LIER-De VITTO & ANDRADE. A abordagem do erro na fala e na escrita: aquisição, alfabetização e clínica. Anais do XIII SILEL - Simpósio Nacional de Letras e Linguística e III Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia: UDUFU, 2011, 1-13.
- LIER-DEVITTO & ARANTES. Estrutura e subjetividade: considerações sobre uma questão crucial. In Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante, Evangelina Maria Brito de Faria, Marcio Martins Leitão (orgs) *Aquisição da Linguagem e processamento linguístico - perspectivas teóricas e aplicadas*. João Pessoa: Editora Ideia, UFPB, 2011, 53-76.
- PORGE, E. *Des fondements de la clinique psychanalytique*. Paris: Éditions Érès, 2008.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 1916/1969.